



As recordações do cidadão Costa Rego

Ademir Luiz da Silva *

SANDES, Noé Freire. *O tempo revolucionário e outros tempos – o jornalista Costa Rego e a representação do passado (1930 – 1937)*. Goiânia: Ed. UFG, 2012. 206 p.

A imprensa, o quarto poder, sempre desempenhou um papel dúbio no Brasil. Momentos de censura e liberdade se sucederam e, em muitas ocasiões, estranhamente conviveram. Houve tempos em que figuras do calibre de Otto Maria Carpeaux e Oto Lara Rezende escreviam longos artigos em nossos jornais, suscitando debates acalorados na pequena, mas interessada, casta letrada. A coluna de Paulo Francis era leitura obrigatória. Seu duelo com José Guilherme Merchior foi assunto de bar e barbearia. Muitas vezes o colunismo cultural confundia-se com o colunismo político. No tom, no estilo e nos temas. Atualmente, o debate sobre o espaço ocupado pela imprensa volta à baila por conta das sucessivas tentativas governamentais de implantar mecanismos questionáveis de regulamentação.

Nesse sentido, é um excelente momento para se promover uma reflexão crítica e aprofundada acerca da imprensa, a partir de “premissas teórico-metodológicas da nova história política e de uma história cultural, que ampliaram a concepção do que são os atores históricos, enfatizando a importância dos chamados vetores culturais” (p. 10). Estas são, nas palavras da professora Ângela de Castro Gomes, os objetivos do historiador cearense radicado em Goiás Noé Freire Sandes com o livro “*O tempo revolucionário e outros tempos – o jornalista Costa Rego e a representação do passado (1930 – 1937)*”, lançado em 2012 pela editora da Universidade Federal de Goiás

* Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e professor na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Docente do programa de mestrado interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado. Pós-doutorando em Artes Visuais, sob a supervisão do professor doutor Edgar Silveira Franco, na UFG. Correio eletrônico: ademir.hist@bol.com.br



(UFG), instituição na qual leciona. Esse trabalho é fruto da junção dos resultados de dois projetos de pesquisas: “Entre a memória e a história: os exilados da velha República”, financiado pelo CNPq, e “Políticas e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC / FGV)”, desenvolvido como estágio de pós-doutorado sob orientação da professora Ângela de Castro Gomes, autora do prefácio do livro.

Noé Freire Sandes é autor de uma obra de referência sobre memória e história, “A Invenção da Nação: entre a monarquia e a república”, também publicada pela editora da UFG em 2000, e nesse novo trabalho procurou “perseguir uma história social da lembrança” (p. 39). Já na introdução estabeleceu suas filiações teóricas e os principais autores com os quais pretende dialogar. Os “clássicos trabalhos de Boris Fausto e Barbosa Lima Sobrinho” (p. 17) são os primeiros citados, seguidos das “lições de Fernand Braudel”(p. 19). Autores como Halbwachs, Oliveira Vianna, Francisco Falcon, Affonso Arinos, Peter Burke, Vavy Pacheco Borges, Maria Helena Capelato e Antonio Candido apresentam-se, com maior ou menor destaque, ao longo das páginas.

O livro possui um personagem principal: o político e jornalista Pedro da Costa Rego. Em sua órbita circulam desde figuras de grande expressão histórica e política, como Washington Luís, Artur Bernardes, Plínio Salgado e, sobretudo, Getúlio Vargas, até lendas do jornalismo brasileiro como Edmundo Bittencourt e Herbert Moses. Porém, não se trata de uma biografia. Os principais elementos biográficos aparecem, incluindo anos de formação e decadência, mas somente com o objetivo de construção do cenário e estabelecimento dos conflitos. O autor admite que “tornei-me um leitor contumaz da coluna de Costa Rego, contudo não conquistei a intimidade do articulista, missão complicada até mesmo para os homens que com ele conviveram” (p. 19). Por isso optou por acompanhar e analisar um período de tempo muito bem estabelecido, entre 1934 e 1937, por meio da coluna diária que Costa Rego assinava no jornal carioca Correio da Manhã, centrando-se na oposição que dirigiu ao processo de escrita da Constituição controlada por Vargas. Evitou entrar nos desdobramentos do Golpe do Estado Novo.



Contudo, como se observa no título do livro, o corte cronológico real é um pouco mais extenso, iniciando-se em 1930. Curiosamente, Costa Rego está ausente da primeira parte (ou capítulo?) do livro. O jornalista aparece discretamente na segunda parte, em, salve engano, três rápidas citações. Ganha algum destaque na terceira parte para, finalmente, assumir a ribalta na quarta, intitulada “O jornalista Costa Rego e a pedagógica do Correio da Manhã”. Volta a desaparecer quase ao final do volume, quando seu nome não é mencionado na antepenúltima parte, dando-lhe um aspecto de apêndice. Imagino que tal opção de organização literária tenha ocorrido em função de o livro ser o substrato de duas pesquisas diversas, embora convergentes.

Em todo caso, o referido preâmbulo possui a importante função de estabelecer o contexto da atuação de Costa Rego a partir de 1934. Inicialmente, o Correio da Manhã apoiou o Golpe de 1930, mas “rompeu com o governo e tornou-se passadista, no claro sentido da restauração renovada dos valores liberais” (p. 78). Numa das partes mais interessantes do livro, Noé Freire Sandes expõe de que forma “Lima Barreto, em ‘*Recordações do escritor Isaías Caminha*’, pintou com as cores da sátira, o quadro mais realista da imprensa carioca, em 1909, tomando como modelo justamente o Correio da Manhã” (p. 72). Costa Rego rechaçava a caricatura. Para o jornalista, o Correio da Manhã não “era o jornal dos desgostosos, dos pequenos empregados, dos ratés de todas as profissões e também dos ricos que não podem ganhar mais e dos destronados de posições e honras” (p. 72). Para ele, “o clima de camaradagem, apesar das inúmeras pilhérias, predominava na redação” (p. 65). Trata-se, claro, de uma questão de ponto de vista. A visibilidade profissional de Costa Rego impedia-o de identificar-se com um pária como Isaías Caminha, estando mais próximo das alturas de um Charles Fostes Kane, o “*Cidadão Kane*”, de Orson Welles.

Tendo sido uma figura polêmica, de muitos amigos e inimigos, seu *nêmeses* foi Getúlio Vargas. O colunista resumiu sua trajetória política na coluna de 04 de janeiro de 1938: “Venceu pelas armas em 1930, venceu pelo voto em 1934 e venceu pura e simplesmente, isto é, sem armas e sem votos em 1937. Não tem mais, em suma, o que vencer e tem muito o que realizar com sua coleção de vitórias”(p. 174 – 175). Por trás



Plurais

Virtual

Universidade Estadual de Goiás

Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas de Anápolis

da cortina de ironia, a admiração pelo adversário é nítida. E era recíproca. Em diversas ocasiões, Vargas registrou em seus diários os encontros com “o temido colunista-satírico”, como Alzira Vargas uma vez se referiu a ele. Numa delas, estando Costa Rego na posição de senador por Alagoas, presenteou-o com uma caixa de charutos. Noé Freire Sandes chama atenção para o fato de que “a aproximação entre o político-jornalista e o Presidente constitucional pode ser entendida como atividade inerente às atividades desempenhadas pelo senador, mas a intimidade entre os dois parecia maior” (p. 150).

É o que parece sugerir a simples e funcional imagem de capa do livro, exibindo uma foto retocada digitalmente na qual Vargas e Costa Rego apertam as mãos, sorridentes, num flagrante de absoluta cordialidade. A imagem original, pertencente ao Arquivo Nacional (RJ), aparece reproduzida na página 153. Sua legenda informa que foi feita em 20 de outubro de 1939 e registra uma recepção oficial na qual Costa Rego proferiu um discurso de recepção ao presidente. Não há menção a palavra ditador. Sintomaticamente, sentado entre Vargas e Costa Rego, encontra-se Herbert Moses, então presidente da Associação Brasileira de Imprensa. Sua posição ilustra a observação de Noé Freire Sandes de que “o chão de imprensa é terreno movediço”. Era verdade na década de 1930 e segue sendo verdade em tempos de imprensa virtual, agências de notícias, podcasts, blogs e Wikileaks.



Plurais

Virtual

Universidade Estadual de Goiás

Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas de Anápolis

O tempo revolucionário e outros tempos

o jornalista Costa Rego e a
representação do passado
(1930-1937)

Noé Freire Sandes




Editora
UFG